

■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Intervalo: Processos de uma aluna professora

 Luciellen de Castro Costa *

Resumo: O presente relato de experiência busca entender e analisar o processo de criação do curta metragem “Intervalo”, que teve como dispositivo de criação o tema bullying, produzido por alunos do oitavo ano de uma escola pública do Riacho Fundo I com a minha orientação e, concomitantemente, fazer uma relação com a teoria e prática vivenciada por mim durante a disciplina no programa de pós-graduação em artes cênicas “Entre Realidades e Ficções: Teatro, Cinema e suas Encenações” ministrada pelas doutoras Luciana Hartmann e Roberta Matsumoto. Esse relato conta como se deu meu olhar como aluna e professora em um mergulho de aproximadamente cinco meses no meio audiovisual.

Palavras-chave: Curta Metragem. Ensino de arte. Experiência audiovisual.

* Luciellen de Castro Costa é graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (2014) e licenciada em Artes Cênicas pela Universidade de Brasília (2017). Arte-educadora, atriz, diretora no Coletivo Engrenagem e professora de artes. Contato: luciellencastro@gmail.com.

1. Os breves espaços entre os entres

Pensando no entrelaçar da minha história com o cinema vem, imediatamente, a cena de quando eu ainda era criança, entrando na locadora de fitas da minha tia. Gostava de ler várias sinopses de diversos filmes diferentes, mas acabava escolhendo, geralmente, o mesmo filme. Mesmo quando a locadora da minha tia fechou, continuava o ritual de alugar filmes, praticamente, todos os finais de semana com a minha mãe. E isso se prolongou por muitos anos.

Início esse texto falando sobre esse momento da minha infância, pois não recorro de me indagar sobre o processo de construção de um filme. A sensação que eu tinha era de que o filme já nascia pronto. Eu conseguia enxergar, por exemplo, uma cena ensaiada e fictícia em uma novela, mas eu achava o filme tão próximo e mágico que mesmo o mais fantasioso me tomava como realidade.

Cinema! Cinema para mim é bem como aquela cena do filme “Lisbela e o Prisioneiro” (2003), onde a atriz principal fala que “[...] a luz vai apagando devagarzinho. O mundo lá fora vai se apagando devagarzinho. Os olhos da gente vão se abrindo. Daqui a pouco a gente não vai nem mais lembrar que tá aqui”.

Retomando esse meu momento na infância, lembro que durante o período escolar não tive nenhum contato com processo audiovisual. Pensando nisso, vem o primeiro questionamento: se o cinema é uma arte que engloba várias linguagens e toca, geralmente, de maneira rápida em quem assiste e o roteiro pode ser feito a partir de qualquer dispositivo, por que razão o cinema nunca ou quase nunca é estudado nas escolas?

Ao me referir a estudar cinema, quero dizer no sentido de entender seu processo e quem sabe até os alunos produzirem seus próprios filmes. Pois sabemos que filmes, na maioria das vezes, são passados para os alunos como uma linguagem transversal para falar de alguns assuntos abordados em sala de aula, mas não como uma práxis de conhecimento em si.

Santos e Meneses (2010, p.9) afirmam que “toda experiência social produz e reproduz conhecimento e, ao fazê-lo, pressupõe uma ou várias epistemologias”. Acreditando nessa afirmativa esse texto mergulhará na tríade: experiência pessoal com o cinema– prática educacional com alunos do oitavo ano do ensino fundamental – e o que foi vivenciado na disciplina “Entre Realidades e Ficções: Teatro, Cinema e suas Encenações” ministrada pelas doutoras Luciana Hartmann e Roberta Matsumoto no programa de pós-graduação em Artes Cênicas.

Esses dois últimos pontos ocorreram praticamente juntos, principalmente quando durante a disciplina debatemos o texto “O Discurso Cinematográfico” de Xavier (1984) e o texto “Epistemologias do Sul”, de

Santos e Meneses (2010). O diálogo construído com base nesses textos suscitou um encontro entre mim enquanto aluna com eu professora, valendo-me de uma abordagem mais acessível para os meus alunos do oitavo ano.

A partir dos conceitos de Xavier (1984), destaquei a decupagem clássica no que tange a decomposição da cena e os possíveis planos a serem trabalhados, ângulos (médio, alto e baixo), montagem, narração, as correlações entre o desenvolvimento dramático e o ritmo da montagem e até mesmo a busca de uma interpretação mais naturalista.

Já no texto de Santos e Meneses (2010), apropriei-me da ideia de experiência social como produtora e reprodutora de conhecimento, da prática atrelada ao conhecimento e a atores sociais, segundo a qual, ao se propiciar diferentes relações sociais, diferentes epistemologias serão estabelecidas; da importância da valorização dos conhecimentos locais; da descolonização do saber e, para mim, o mais importante enquanto professora de Arte da Rede Pública, do tornar visível o que permaneceu marginal.

É perceptível que outros textos e falas somados com inúmeros exemplos cinematográficos contribuíram até para eu entender o fio que liga o meu desejo em trabalhar com cinema, embora minha pouca vivência com a arte cinematográfica ainda esteja bem mais atrelada à intuição; minha práxis no âmbito educacional como docente e meu caminho de escuta enquanto aluna durante a disciplina.

2. O cinema em sala de aula aqui e lá

Quando entrei como aluna especial em uma disciplina de mestrado, estava à procura de algumas respostas que, confesso, não encontrei ao longo desse semestre. Pelo contrário, encontrei ainda mais perguntas sobre qual é a minha relação nesse entre, nesse entre da ficção e realidade, desse entre do teatro e cinema, desse entre da vivência do aluno e o registro, entre o que é possível enxergar pela lente que ultrapassa o meu olhar pela fala.

Novas perguntas são necessárias para instigar novos caminhos. Uma coisa é certa, nessa disciplina foi plantada a semente do audiovisual não só em mim, mas também nos meus alunos do oitavo ano.

Como previsto, no primeiro bimestre de 2019, no planejamento anual da escola, foi trabalhado com as turmas do oitavo ano fotografia e cinema. Iniciei, no primeiro momento, falando sobre a história da fotografia, a começar por Joseph Nicéphore Niépce, inventor francês e responsável por uma das primeiras fotografias.

Aprendemos juntos sobre a evolução da câmera e suas funções ao longo do tempo. Foi destacado com

a turma o momento em que a fotografia passa a ser arte e como utilizar dessa arte para trabalhar questões inerentes ao nosso cotidiano. Sendo assim, o primeiro resultado com a turma foi uma exposição fotográfica que tinha como dispositivo o que eles tinham vontade de denunciar. Temas como a estrutura escolar, *bullying*, machismo, homofobia, mau uso do lixo, desmatamento, entre outros, foram denunciados e registrados através da fotografia.

Partimos para o segundo momento: falar sobre a história do cinema desde as primeiras produções com os irmãos Lumière, passando pela introdução de efeitos especiais, sonoplastia, cor, preocupação com um roteiro e mudança de atuação. Todas essas evoluções foram exemplificadas através de vídeos projetados em sala de aula.

Esse mergulho na história do cinema foi vivenciado pelo meu eu aluna e pelo meu eu professora. E foi interessante perceber, principalmente, a reação e o olhar de quem está em uma disciplina dentro de uma academia e, ao mesmo tempo, em uma disciplina no Ensino Fundamental.

Quando foi passado, por exemplo, o filme “Viagem à Lua” de Georges Méliès (1902) os alunos assistiam e riam como se o filme fosse atual, mesmo repetindo diversas vezes o ano de produção e que para época foi um filme que rompeu, principalmente no quesito efeitos especiais, com o que estava acontecendo no período; ainda assim eles achavam aquela história muito fantasiosa. Mas, ora, estamos falando de alunos que nasceram entre 2006 e 2007, já nasceram na era da tecnologia, em que até a edição de um vídeo cabe em um aplicativo de celular. Mas o olhar acadêmico assistia ao filme como produzido à frente de seu tempo. E eu acredito que a mágica do cinema também acontece nesses entres.

Depois desse mergulho na história do cinema, partimos para a aula sobre como produzir de fato um curta metragem. Foi ensinado, de maneira compreensível, para meus alunos, criação de roteiro, direção de cena e fotografia, operação de câmera, edição, sonoplastia, maquiagem e figurino.

Eu aprendi como aluna na disciplina, além da teoria ao longo de todo o semestre, um pouco da prática com o colega de classe Estevon Nagumo. Ele falou de maneira sucinta sobre roteiro, produção, fotografia, som, edição e, para mim, o mais importante, que é: como enquadrar uma história. Além disso, Estevon deu também dicas de aplicativos no celular que facilitam no manuseio da edição do vídeo.

Retomando as aulas, os estudantes do oitavo ano já conheciam os aplicativos de edição de vídeos no celular e alguns já sabiam editar com facilidade os vídeos tanto no celular como em programas no computador. Depois de pincelar os processos de produção de um curta metragem, apresentei inúmeros exemplos de curtas em

diversos gêneros como terror, suspense, comédia e drama para eles terem um leque de possibilidade para a criação dos seus próprios vídeos.

Depois da teoria partimos para nossa segunda prática, agora na produção audiovisual. Foi pedido que eles se dividissem em grupos e cada aluno ficasse responsável em ser diretor, operador de câmera, ator, editor, sonoplasta, figurinista, maquiador e roteirista. O objetivo também era que se experimentassem na criação de um curta de até cinco minutos.

Como aluna na disciplina “Entre Realidades e Ficções” também mergulhamos em diversos exemplos cinematográficos, principalmente documentários, acompanhados de textos que facilitavam o entendimento e davam um novo sentido quando analisados juntos de um vídeo.

3. O dispositivo e a criação do curta metragem “Intervalo”

O Currículo em Movimento do Distrito Federal do Ensino Fundamental, na linguagem das artes, traz alguns objetivos a serem alcançados pelos alunos dos anos finais como, por exemplo, desenvolver o potencial criador, entender a produção visual como produto cultural sujeito à análise e ao entendimento e identificar, relacionar e compreender diferentes funções da arte, trabalho e produção de artistas.

Como foi dito anteriormente, compreendemos juntos desde o surgimento da fotografia até a produção das primeiras filmagens. Trabalhamos como o olhar do real pode ser refletido através do olhar da lente, ficção versus realidade. E foi pedido que eles se experimentassem nesse lugar na produção de um curta explorando diversas áreas do cinema.

Ainda na divisão do grupo, percebi que a aluna com múltipla deficiência, o aluno que tem autismo e a aluna com Síndrome de Down foram excluídos da formação dos grupos. Fiquei sem saber o que fazer nesse momento, senti que se eu colocasse esses alunos de maneira forçada nos grupos eles ficariam constrangidos.

Então, pedi que os três fizessem o experimento juntos e o resultado foi estimulante. Fizeram um vídeo onde cada um denunciava como se sentia frente ao *bullying*. Não somente eles, mas outros alunos abordaram o tema *bullying* como norteador dos seus vídeos, cada um a sua maneira, seja por conta da aparência física ou por uma deficiência ou por conta da sua classe social. Nascia ali um dispositivo a ser trabalhado com toda a turma: o *bullying*.

Migliorin trata a noção de dispositivo como:

[...] estratégia narrativa capaz de produzir acontecimento na imagem e no mundo. Pensar de que forma as novas tecnologias do audiovisual são organizadas em dispositivos de criação

é pensar também o estatuto da imagem contemporânea, a possibilidade e o sentido da produção de novas imagens (MIGLIORIN, 2005, p.1).

Diante desses materiais juntei toda a turma para assistirmos aos resultados dos experimentos e juntos criamos um único curta com a temática do *bullying*. O roteiro do curta foi produzido de forma conjunta com base em fatos que já aconteciam com eles na escola.

Uma aluna, com a minha orientação, fez a decupagem. Escolhemos, a partir dos experimentos anteriores com o celular, quem tinha mais afinidade com direção, operação de câmera e montagem e começamos a gravar o curta metragem durante duas tardes inteiras. Recebemos dicas valiosas de direção, decupagem e edição dos convidados Emanuel Lavor e Giovanni Altoé, que conversaram sobre produção com os alunos.

Com uma câmera filmadora e um celular gravamos as cenas dentro da própria sala de aula, onde os atores principais foram justamente os que foram excluídos no primeiro momento. Eu nunca tinha visto H, aluno com autismo, tão feliz e inserido dentro de sala de aula quanto naqueles dias. Ele não estava mais isolado dos outros alunos, finalmente ele estava inserido e sendo notado ali para além da sua condição.

A edição/montagem nunca é um momento simples, mas o que ajudou esse processo foi o roteiro muito bem definido e a decomposição das cenas bem detalhadas com todos os planos. Depois de muito trabalho com importante participação e envolvimento da turma, o nosso curta "Intervalo" estava pronto.

O nome escolhido, embora pareça remeter ao

recreio, momento de descanso e/ou diversão dos alunos no ambiente escolar, remete, na verdade, ao tempo de respiro entre um episódio de *bullying* e outro. O momento em que os alunos expurgam o sentimento de basta através de uma guerra de bolinhas.

Nesse momento a realidade cresce com a ficção. Xavier diz que:

[...] o cinema, como discurso composto de imagens e sons é, a rigor, sempre ficcional, em qualquer de suas modalidades; sempre um fato de linguagem, um discurso produzido e controlado, de diferentes formas, por uma fonte produtora. (XAVIER, 1984, p.14)

Vimos e revimos o resultado do curta juntos. Foi analisado o processo e o tema trabalhado. A turma estava mais unificada, fluida, homogênea, embora eu soubesse da importância da heterogeneidade para a criticidade e a provocação do debate.

Por fim, retomo ao início, quando falava da minha infância e um pouco sobre a minha relação com o cinema ainda criança. Até chegar à graduação, cinema para mim era algo a ser sentido, apreciado, mas não passava pela minha cabeça como algo a ser estudado, analisado, esmiuçado. Demorei a ter esse entendimento, comecei aos poucos, quase sem querer, junto a meus alunos e fomentado agora com a disciplina. Mesmo durante o curso de artes cênicas e tendo participado como atriz de alguns curtas, o despertar da produção cinematográfica só começou em 2018. Fico extremamente feliz de ter começado essa jornada, ainda que tardia para alguns, mas no tempo certo para mim. ■

Referências bibliográficas

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal**. SEEDF: Brasília, 2014.

LISBELA e o Prisioneiro. Direção de Guel Arraes. Brasil: Paula Lavigne; Fox Film do Brasil, 2003. 1 DVD (110 min); son.

MIGLIORIN, Cezar. O dispositivo como estratégia narrativa. **Digitagrama**. Nº 3, 2005. <http://www.estacio.br/graduacao/cinema/digitagrama/numero3/cmigliorin.asp>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Editora Cortez, 2010.

VIAGEM à Lua. Produção, Direção e Roteiro: Georges Méliès. Intérpretes: BleuretteBernon, François Lallement, Georges Méliès, Henri Delannoy e outros. França, Georges Méliès, 1902, 13 min, mudo, preto e branco. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rttJC8B1aMM>>

XAVIER, Ismail. **O Discurso Cinematográfico**: a opacidade e a transparência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.